

## A Literatura Estrangeira e o Curso de Letras na Formação do Professor

Profa. Doutoranda Andréa Correa Paraiso Müller<sup>1</sup> (UNICAMP/UEPG)

### **Resumo:**

*O objetivo deste trabalho é refletir sobre o desinteresse pela literatura manifestado por estudantes de Letras. Abordamos, de modo particular, a disciplina Literatura Estrangeira. Pesquisas realizadas com estudantes de uma universidade pública servem como suporte para a reflexão sobre a importância da Literatura Estrangeira no curso de Letras e sobre os possíveis caminhos para futuros professores que se sentem sempre um pouco estrangeiros ao texto literário.*

**Palavras-chave:** curso de Letras, língua estrangeira, Literatura Estrangeira, texto literário

### **Introdução**

A falta de interesse de grande parte dos jovens pela leitura vem inquietando, há décadas, educadores e pesquisadores. Inúmeros trabalhos já abordaram o problema, e muitos deles ressaltam a importância de que o professor, formador de leitores, seja, antes de tudo, um leitor. Ezequiel Theodoro da Silva enfatiza que se o professor não for, ele próprio, um leitor, a tarefa de ensinar leitura poderá ser permeada por “pactos ininterruptos de mediocridade”:

Aos professores, profissionais cuja responsabilidade é formar e produzir leitores por meio da educação escolarizada, a necessidade da leitura se impõe como mais forte ainda. Isto porque, caso ele próprio não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura. Não tendo ele próprio um repertório, uma história substancial de leitura, não tendo ele penetrado nas histórias contadas por vários tipos de livros, é bem possível que ele assine pactos ininterruptos de mediocridade com seus alunos, fingindo que ensina e lê, e os seus alunos fingindo que aprendem e lêem (SILVA, 2003, p. 28).

Perguntar se o professor é um leitor implica perguntar se o licenciando em Letras, futuro professor, é um leitor.

Discutiremos, a seguir, os problemas dos alunos de Letras em relação à literatura, centrando-nos na disciplina Literatura Estrangeira.

### **1 A Literatura e o Estudante de Letras**

Escrever para quê? Para quem? Não temos público. Uma edição de dois mil exemplares leva anos para Esgotar-se e o nosso pensamento, por mais ousado que seja, jamais se livrará no espaço amplo: voeja entre as grades desta gaiola estreita, que é a celebrada língua dos nossos maiores (AZEVEDO, apud GUIMARÃES, 2001, p. 72).

No trecho acima, citado por Hélio de Seixas Guimarães, Aloísio Azevedo, em fins do século XIX, reclama da falta de leitores. Tal queixa não era incomum entre escritores oitocentistas; até mesmo José de Alencar e Machado de Assis já lamentaram a escassez de público.

Se a falta de interesse dos brasileiros pela literatura já era denunciada mais de um século atrás, hoje a situação não parece muito diferente. Em nossos dias, tornou-se quase um clichê afirmar que o brasileiro não lê. Apesar do crescimento do mercado editorial, do sucesso das bienais e feiras do livro e do surgimento de diversas coleções de bolso, dados apresentados recentemente ressaltam o escasso contato dos brasileiros com os livros. Segundo pesquisa da Câmara Brasileira do Livro, do Instituto da Biblioteca Nacional e Ministério da Educação, o brasileiro lê, em média, 1,8 livros por ano, enquanto a média de países como a França, por exemplo é de 7 livros por ano por habitante.

Acreditando no poder humanizador da literatura e na sua importância na formação da sensibilidade e da criticidade, inúmeros educadores e pesquisadores têm buscado desenvolver, nas últimas décadas, formas de abordar o texto literário na escola de modo a despertar na criança e no adolescente o interesse e o prazer pela leitura.

Cabe, no entanto, perguntar: e o professor, responsável por apresentar seus alunos aos livros, é ele também um leitor? E par pensar no professor, é preciso pensar antes nos estudantes de Letras, futuros professores de Língua e Literatura: seriam eles todos leitores? Embora o senso comum diga que quem opta por cursar Letras o faz por gostar de ler, isso nem sempre corresponde à verdade. Muitos jovens chegam ao ensino superior tendo como único contato com a literatura a leitura de resumos. Marisa Lajolo, no artigo “No jardim das Letras, o pomo da discórdia” (s. d.), afirma que as queixas de professores de Letras a respeito do desinteresse de seus alunos pelos livros não são recentes e fazem parte da história dos cursos de Letras em nosso país. É interessante lembrar a reclamação de Osman Lins quando foi professor universitário: “... não são raros os que chegam à faculdade sem nunca terem lido uma obra literária qualquer” (LINS, apud LAJOLO, s.d.).

Para muitos jovens que chegam ao ensino superior, em particular no curso de Letras, o processo de aproximação com os textos literários e de despertar do gosto pela leitura não ocorreu durante a infância e/ou adolescência ou ocorreu de maneira inadequada. Assim, para uma parcela dos futuros professores de Língua e Literatura, a leitura de obras literárias não é prazerosa, mas difícil, forçada e desagradável. A tarefa dos cursos de Letras beira, pois, o impossível: como transformar não leitores em formadores de leitores?

Grande parte dos cursos de Letras brasileiros oferece dupla habilitação: Português/ Língua Estrangeira. Nesse caso, os currículos contêm a disciplina Literatura Estrangeira, na qual os graduandos lêem textos literários diretamente no idioma que escolheram cursar. Ora, estudantes não familiarizados com o discurso literário e que sentem dificuldades na leitura em língua materna tendem ao fracasso em Literatura Estrangeira, disciplina na qual a língua vem acrescentar-se aos obstáculos que se erguem entre o aluno e o texto.

Diante de tal realidade, algumas questões se colocam:

- Estudantes que já são leitores de literatura em língua materna sentem menos dificuldades com textos literários em língua estrangeira?
- Qual a importância da Literatura Estrangeira no curso de Letras e na formação do professor?

Pretende-se, neste trabalho, refletir sobre essas questões a partir de pesquisas realizadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná e de nossa experiência docente nessa instituição.

## 2 A Literatura Estrangeira e o Estudante de Letras

Uma pesquisa realizada há dois anos na Universidade Estadual de Ponta Grossa (FREITAS, 2006) entrevistou estudantes das últimas séries da licenciatura em Letras, todos alunos de Literatura Estrangeira divididos entre as três línguas oferecidas pelo curso (Espanhol, Francês e Inglês). O objetivo da pesquisa era, através da investigação de hábitos e história de leitura dos estudantes, compreender melhor as dificuldades por eles apresentadas na disciplina Literatura Estrangeira.

A maioria dos entrevistados, embora tenham dito que seus pais costumavam ler para eles na infância, relataram, contraditoriamente, que seus pais não eram leitores assíduos e não costumavam ler textos literários para si próprios com frequência. Sessenta e nove por cento dos estudantes investigados afirmaram ter frequentado bibliotecas durante a infância e a adolescência apenas para fazer trabalhos escolares. Quase todos disseram gostar de ler,; entretanto, convidados a citar cinco livros que tivessem lido durante a vida para seu prazer pessoal, raros foram os que conseguiram fazê-lo: a maior parte mencionou livros dos programas de disciplinas do curso, o que pode contradizer a afirmação de que gostam de ler e leva a pensar que seu contato com a literatura está restrito aos textos obrigatórios do currículo. Entre os que não citaram obras do programa, a maioria mencionou livros de auto-ajuda ou religiosos. Questionados sobre os obstáculos encontrados na leitura dos textos da disciplina Literatura Estrangeira, 40,5% dos estudantes entrevistados atribuíram suas dificuldades à língua e 23,8% ao contexto histórico-cultural das obras. Mais da metade dos graduandos que participaram da pesquisa (52,4%) afirmou só compreender os textos do programa de Literatura Estrangeira a partir dos comentários do professor. O curioso é que o percentual dos que disseram também só compreender a partir das observações do professor as obras do programa de Literatura Brasileira foi exatamente o mesmo.

Tais dados levam a concluir que, embora a língua estrangeira seja vista pelos alunos como o maior empecilho à leitura dos textos, ela pode ser considerada, na verdade, apenas um complicador. As respostas aos questionários levam a crer que muitos estudantes não tiveram um convívio prévio com a literatura e não são leitores assíduos de textos literários em língua materna. Pela nossa experiência docente na área de Literatura Estrangeira, é possível afirmar que os estudantes que apresentam melhor desempenho nessa disciplina nem sempre são aqueles que têm maior domínio do idioma, mas sim os que trazem maior bagagem de leitura de textos literários em língua materna.

Os resultados da pesquisa ajudam a responder à primeira das questões que colocamos no subtítulo anterior. Estudantes que já são leitores de literatura em língua materna tendem a apresentar menos dificuldades com textos literários em língua estrangeira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Estrangeira (1998) arrolam três tipos de conhecimento necessários para uma boa leitura em língua estrangeira: o **conhecimento sistêmico** (equivalente ao domínio do código lingüístico), o **conhecimento de mundo** (resultado das vivências do leitor, de suas experiências prévias de leitura e de vida) e o **conhecimento da organização textual** (correspondente ao conhecimento da organização dos diferentes tipos de texto e resultante da experiência de leitura de textos variados). Tais conhecimentos complementam-se na leitura. Se um leitor que domine muito bem o idioma no qual foi redigido um determinado texto desconhecer por completo o assunto tratado e não tiver suficiente experiência de leitura, terá comprometida sua compreensão do texto. Por outro lado, um leitor que não domine totalmente o idioma mas tenha um conhecimento de mundo mais amplo e uma vasta experiência de leitura poderá ter uma compreensão melhor do mesmo texto. É conveniente lembrar aqui o que diz Ângela Kleiman sobre a importância do conhecimento prévio na leitura de modo geral:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento [...] que o leitor consegue construir o sentido do texto [...]. Pode-se dizer

com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão (KLEIMAN, 2004, p. 13).

Um estudante com um percurso maior de leitura acumulou mais conhecimento prévio e tem, portanto, mais facilidade para compreender e interpretar textos tanto em língua materna quanto em língua estrangeira.

Marie-Claude Albert e Marc Souchon, tratando especificamente da leitura de textos literários em língua estrangeira, destacam o papel do que os PCNs chamam de conhecimento da organização textual, adquirido em língua materna transferido para os textos em idioma estrangeiro:

Participando, como leitores, da comunicação literária, os estudantes são portadores de uma experiência vivida em sua língua materna; eles adquiriram uma experiência de leitores de textos literários. (...) Certos estudantes podem muito bem ter atingido o nível avançado sem demonstrar uma competência de leitura de textos literários, enquanto estudantes de nível elementar podem já se sentir à vontade nesse quadro comunicativo (ALBERT; SOUCHON, 2000, p. 56).

Tais considerações explicam a situação com a qual muitos professores de Literatura Estrangeira se deparam: alunos habituados a ler textos literários em língua materna apresentam melhor desempenho em Literatura Estrangeira do que aqueles que não são leitores de literatura em seu próprio idioma. As dificuldades encontradas por nossos alunos da Universidade Estadual de Ponta Grossa ficam, pois, muito mais claras após a reflexão que se pôde fazer sobre seus hábitos e história de leitura. Não tendo um largo contato anterior com a literatura, não podem, ao chegar ao curso de Letras, sentir-se à vontade diante de contos, poemas e romances, muito menos se estes estiverem em língua estrangeira.

### **3 O que fazer?**

Este trabalho não tem a pretensão de encontrar soluções definitivas ou revolucionárias para a questão. Nosso intuito é refletir sobre o problema e propor algumas atitudes possíveis no que diz respeito ao trabalho com a Literatura Estrangeira no curso de Letras.

É evidente que o fato de estudantes ingressarem em uma licenciatura sem se terem tornado leitores não é um problema a ser discutido apenas pela universidade, mas também pela educação básica, da qual esses estudantes são fruto. No entanto, ao formar profissionais para a educação básica, a universidade não pode ignorar a situação. É claro que os cursos de Letras não conseguirão compensar sozinhos a falta de vivência literária de seus alunos. Mas podem fornecer a esses alunos as ferramentas necessárias para abordar o texto e refletir sobre ele. Ou seja, podem “ensinar a ler literatura”, sem ignorar as dificuldades dos estudantes.

No caso específico da Literatura Estrangeira, não se pode ter a pretensão de elaborar um programa extenso, pois o aluno, sem intimidade com o discurso literário e vendo suas dificuldades agravadas pelo idioma, muito provavelmente não lerá as obras solicitadas. Parece mais adequado um programa com um número menor de textos, para que o aluno disponha de um tempo maior para leitura e essa leitura possa ser acompanhada pelo professor. Se os estudantes ainda não são leitores críticos e independentes, necessitam de tutela em sua leitura; se estão lendo em língua estrangeira, essa tutela deve ser ainda maior. Não se entenda com isso que o professor deva guiar a leitura do aluno e impor a sua interpretação. De forma alguma. O professor deve apenas orientar o estudante e acompanhá-lo em seu percurso de leitura. Conclui-se, portanto, que as aulas de Literatura Estrangeira não podem restringir-se aos comentários sobre os textos do programa, mas devem constituir-se também em momentos de leitura conjunta entre o professor e seus alunos, preparando o estudante para a leitura individual.

Acreditamos ainda que o estudante deva ser exposto a textos literários estrangeiros no original desde o início da graduação em Letras, nas aulas de Língua Estrangeira e não apenas na disciplina Literatura Estrangeira, que geralmente inicia-se na terceira série do curso. O trabalho com textos literários desde o começo da aprendizagem da língua estrangeira ajuda o aluno a familiarizar-se com o discurso literário de maneira geral e com o texto literário em língua estrangeira em particular. Desenvolvendo sua habilidade de leitura em língua estrangeira por meio de textos literários, o estudante, mesmo que apresente dificuldades, poderá ampliar seu conhecimento de mundo e adquirir conhecimento da organização textual (BRASIL, 1998), o que lhe permitirá descobrir estratégias de leitura.

Pode parecer estranho propor a leitura de textos literários em língua estrangeira logo nos primeiros anos de curso a estudantes que, em geral, não trazem suficiente experiência de leitura literária. No entanto, o que aqui se propõe como trabalho com textos literários estrangeiros nas séries iniciais do curso de Letras pouco tem a ver com as análises literárias aprofundadas que se pretende chegar a realizar em Literatura Estrangeira. O que se propõe para os primeiros anos é uma leitura mais livre e lúdica, uma descoberta do texto. O aluno deverá familiarizar-se com o discurso literário ao mesmo tempo em que se familiariza com a língua. Albert e Souchon (2000) afirmam que é possível trabalhar qualquer texto literário com aprendizes de língua estrangeira; o que importa, segundo esses autores, não é o nível dos estudantes, mas o tipo de atividade desenvolvida a partir do texto.

Na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), realizou-se, em 2007, uma experiência de abordagem do texto literário em língua francesa com estudantes do segundo ano de Letras Português/Francês. Um estudante do quarto ano do mesmo curso e participante de projeto de Iniciação Científica sobre leitura de contos, com experiência em desenho, adaptou dois contos do escritor francês Guy de Maupassant para histórias em quadrinhos (BORGES, 2007). Para o conto “*Mon oncle Jules*”, foram feitos quadrinhos com textos em francês nos balões, buscando maior fidelidade possível ao texto original. Já para “*Ce cochon de Morin*”, criou-se uma HQ apenas com imagens, sem texto.

Após responderem a um questionário sobre suas experiências de leitura, os estudantes do segundo ano de Francês leram a história em quadrinhos elaborada a partir de “*Mon oncle Jules*”. Embora tenham revelado no questionário não serem leitores experientes ou assíduos de literatura, interessaram-se muito pelos quadrinhos e fizeram muitos comentários. Disseram que as imagens os ajudaram a compreender o texto em francês dos balões.

Na aula seguinte, depois de terem lido em casa o conto original de Maupassant, participaram de um debate sobre o texto e responderam a um questionário sobre as dificuldades de leitura. Cinquenta por cento dos alunos afirmaram ter compreendido o texto **com pouca dificuldade**, 22% **com alguma dificuldade**, 12% **com muita dificuldade** e 16% **com facilidade**. Sessenta e seis por cento dos estudantes pesquisados disseram que a leitura prévia dos quadrinhos **contribuiu muito** para a compreensão do conto.

O conto “*Ce cochon de Morin*” também foi lido em francês pelos alunos, mas somente após o trabalho com uma história em quadrinhos sem texto. Respondendo sobre sua leitura, 50% dos participantes da pesquisa afirmaram ter compreendido o conto **com alguma dificuldade**, 25% **com pouca dificuldade** e outros 25% **com muita dificuldade**. Para 75% dos informantes, o trabalho prévio com os quadrinhos **contribuiu muito** para a compreensão do conto.

A experiência realizada procurou aproximar os estudantes da literatura, facilitando-lhes, por meio dos quadrinhos, “a entrada no texto literário em língua estrangeira” (BORGES, 2007, p.9). Conclui-se, pelos resultados obtidos, que a utilização da linguagem dos quadrinhos pode servir como um das formas de atrair os alunos para o texto literário em língua estrangeira e de prepará-los para a leitura. O trabalho prévio com os quadrinhos facilita o contato que o aluno terá em seguida

com o texto original, pois predispõe-lhe o interesse e fornece-lhe vocabulário e familiaridade com a história narrada.

A atividade relatada é apenas uma das muitas que o professor de Língua Estrangeira pode desenvolver para apresentar a seus alunos a literatura em língua estrangeira. A leitura de textos literários originais na primeira metade do curso de Letras, sem o compromisso de realizar análises cientificamente embasadas, pode fazer com que o estudante comece a desenvolver interesse pela literatura.

## **Conclusão**

Vimos que criar estratégias de abordagem do texto literário nas aulas de Língua Estrangeira contribui para familiarizar o estudante de Letras com o discurso literário em geral e com o texto literário estrangeiro em particular. No entanto, não basta tornar o aluno capaz de ler literatura em língua estrangeira. É preciso conscientizá-lo de que a Literatura Estrangeira faz parte de sua formação.

Não é incomum encontrarmos estudantes de Letras que acreditam ter a Literatura Estrangeira uma importância menor dentro da grade curricular. Pelo fato de a disciplina não existir no currículo da educação básica para a qual se preparam para lecionar, crêem reduzida sua relevância para a licenciatura. Ora, o curso de Letras, embora forme profissionais para a educação básica, não deve estruturar-se como um espelho do currículo desta última. Deve, em vez disso, proporcionar uma formação mais abrangente a seus licenciandos, oportunizando-lhes o contato com diferentes universos culturais. Para estar bem preparado para ser um professor de língua, seja ela materna ou estrangeira, é preciso que o graduando saiba abordar e refletir sobre os mais diversos tipos de textos, entre eles o literário. E para ser um bom professor de Literatura Brasileira, é fundamental desenvolver um repertório de leitura que inclua textos de outras nacionalidades. A Literatura Estrangeira, portanto, é tão importante no curso de Letras quanto qualquer das outras disciplinas e contribui tão ativamente quanto essas para a formação do professor.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] SILVA, E. T. *Conferências sobre leitura*. Campinas, SP: Autores associados, 2003
- [2] GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin Editorial: Edusp,
- [3] LAJOLO, M. No jardim das letras o pomo da discórdia. Disponível em [www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios](http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios). Acesso em 24 de abril de 2006.
- [4] FREITAS, M. *Por que não ler? A literatura em língua estrangeira em perspectiva*. Ponta Grossa, 2006. Monografia (Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras) \_ Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- [5] BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: lingual estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- [6] KLEIMAN, A. *Texto e leitor*. Aspectos cognitivos da leitura. São Paulo: Pontes, 9 ed, 2004
- [7] ALBERT, M. C.; SOUCHON, M. *Les textes littéraires en classe de langue*. Paris: Hachette, 2000.
- [8] 2004BORGES, L. S. *Quadrinhos e literatura: uma proposta de abordagem do texto literário em língua estrangeira..* Ponta Grossa, 2007. Monografia (Conclusão de Curso de Graduação em Letras Português/Francês) \_ Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## <sup>1</sup>**Autor(es)**

**Andréa Correa Paraíso MÜLLER, Profa. Doutoranda**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Fundação Araucária

andrea.paraíso@uol.com.br